

A economia dos EUA, levando o mundo para uma nova recessão?

Os países desenvolvidos poderão enfrentar um novo período recessivo nos próximos 18 meses. A previsão é de Anatole Kaletsky, jornalista econômico que responde pelo escritório do **Financial Times** em Nova York.

De acordo com sua análise o atual quadro da economia internacional aponta claramente nessa direção. E um dos motivos é a política norte-americana de manter o dólar em queda. "A desvalorização não está trazendo nenhuma vantagem aos Estados Unidos, pois a indústria norte-americana foi muito afetada nos últimos anos, as taxas de juros subiram e, conseqüentemente, os investimentos caíram", explica.

Essa mesma política, adotada como estratégia para o fortaleci-

mento interno das economias alemã e japonesa, também não está produzindo os efeitos esperados. Segundo Kaletsky, os dois países dependem demais do mercado norte-americano mas estão perdendo elevadas fatias dele em uma velocidade crescente, pintando o cenário com os tons de uma futura recessão. Uma recessão que, de acordo com o analista, não será evitada por "nenhuma receita mágica do presidente Reagan", uma vez que nem mesmo ele pode vencer os ciclos econômicos. E este momento marca o final do período do "enorme crescimento da economia norte-americana verificado entre 1983 e 1984".

Maior ceticismo

Aliás, segundo o **New York Ti-**

mes, com um dólar em declínio, taxas de juros e inflação em alta nos Estados Unidos e uma economia mundial decrescente, aumenta o ceticismo nos Estados Unidos acerca da política econômica do secretário do Tesouro, James Baker.

Em extensa análise publicada na edição de ontem, o diário novaiorquino destaca que o programa cambial e financeiro adotado por Baker em 1985 para fazer voltar a crescer a debilitada economia mundial frustrou os governantes e economistas internacionais, além dos líderes parlamentares, que aguardavam maiores progressos que os registrados.

Baker havia optado por um dólar débil em vez do protecionismo, para reduzir o déficit comercial

norte-americano e para estimular a política econômica dos países em via de desenvolvimento com o objetivo de enfrentar a crise internacional da dívida.

Essa diretriz, contudo, de acordo com opiniões generalizadas, deixou sem resolver dois graves problemas: o enorme déficit fiscal norte-americano e a debilidade dos mercados internos alemão e japonês.

O caminho que deverá agora ser percorrido parece ser justamente o que foi rejeitado desde o início: aumentar os impostos e reduzir os gastos públicos norte-americanos, e ainda pedir a Bonn e a Tóquio que suportem um aumento do déficit e da inflação para obter um maior crescimento.